

**09H00**

GRANDE AUDITÓRIO

SESSÃO SECTORIAL 01: ARQUITECTURA  
E AMBIENTE CONSTRUÍDO

01.01

## ORDENAMENTO E REABILITAÇÃO DE CIDADES E TERRITÓRIOS

**Moderador e Relator: Jorge Bonito Santos e Ana Bonifácio**

**Oradores Convidados: José Maria Ezquiaga Dominguez (ES), Álvaro Domingues e Aurora Carapinha (a confirmar)**

### ORADOR CONVIDADO

#### ÁLVARO DOMINGUES

Nasceu em 1959. Doutorou-se em Geografia pela Universidade do Porto em 1994. Actualmente é professor da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (FAUP), investigador do Centro de Estudos da FAUP e docente no mestrado de Planeamento e Projecto do Ambiente Urbano da FAUP/FEUP. De entre as suas publicações, destacam-se os temas de urbanismo e

política urbana, particularmente sobre a urbanização e a industrialização dispersas. É consultor de diversas instituições da Administração Pública e de Municípios. É professor convidado nas Universidades de Barcelona, Granada, Rio de Janeiro e São Paulo. É cronista do jornal *Público*. in *Domingues, Álvaro (coord.) - Cidade e Democracia, 30 anos de transformação urbana em Portugal - Ciudad y Democracia, 30 años de transformación urbana en Portugal. Lisboa: Argumentum Edições, 2006.*

**09H00**

PEQUENO AUDITÓRIO

SESSÃO SECTORIAL 02: ARQUITECTURA  
E CULTURA

# 02.01 INOVAÇÃO E CRIATIVIDADE EM ARQUITECTURA

**Moderador e Relator: Nuno Grande e Luís Tavares Pereira**

**Oradores Convidados: Jean Gautier (F), Jorge Barreto Xavier e João Fernandes**

## ORADORES CONVIDADOS

### JEAN GAUTIER

Nasceu em 1949. Licenciou-se em Direito Público e Direito Empresarial pelo *Institut d'Études Politiques* de Paris. Em 1993 foi *Directeur de l'Architecture de la Ville de Paris*. Em 2003 é encarregue pelo então primeiro-ministro Jean-Pierre Raffarin de um projecto que tinha como objectivo escolher a melhor localização para a futura *Maison de la Francophonie*. Em 2005 é designado Presidente do Comissariado Francês do Ano do Brasil. É presidente, desde 1993 da *Association Varenne*. É também Professor convidado no *Institut d'Études Politiques de Paris* e na *École Nationale du Patrimoine*.

### JORGE BARRETO XAVIER

Director-Geral das Artes do Ministério da Cultura. Foi Vereador da Cultura da Câmara Municipal de Oeiras, Director do Lugar Comum - Centro de Experimentação Artística, Presidente do Clube Português de Artes e Ideias. Foi consultor da Fundação Calouste Gulbenkian, da Fundação das Descobertas - Centro Cultural de Belém, da Fundação de Serralves, da Casa Pia de Lisboa, da Universidade de Lisboa. Foi docente do Mestrado de Estudos Curatoriais da Universidade de Lisboa. É licenciado em Direito pela Universidade de Lisboa, especializado em Gestão das Artes e doutorando de Ciência Política da Universidade Nova de Lisboa.

### JOÃO FERNANDES

Nasceu em Bragança em 1964. Concluiu em 1985 uma licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Conclui a parte lectiva do curso de Mestrado em Fonologia

Portuguesa da Universidade de Lisboa em 1992. Entre 1987 e 1995, é professor e investigador em Estudos Linguísticos no Instituto Politécnico do Porto. É, desde Fevereiro de 2003, Director do Museu de Arte Contemporânea da Fundação de Serralves, no Porto, no qual desempenhou as funções de Director Adjunto entre 1996 e 2003.

## COMUNICAÇÕES

### PARTICIPAÇÃO PÚBLICA E REDES SOCIAIS

O psicólogo Stanley Milgram conduziu em 1967 um pesquisa acerca das relações do ser humano que ficaria popularmente conhecida como *os six degrees of separation*. Nas suas experiências, efectuadas com recurso a cartas endereçadas por indivíduos que não conheciam o destinatário final, demonstrou que a população americana estaria separada, em média, por apenas seis graus de relação mútua. Isto quereria dizer que uma habitante da Florida teria, em média, um amigo de um amigo, em comum com um habitante do Alaska.

Esta investigação de Milgram foi publicada com o título *The Small World Problem* e surgia no contexto de uma problemática que interessou cientistas desde o início do séc. XX. Michael Gurevich, no início dos anos 60, Manfred Kochen e Ethiel de Sola Pool, nos anos 50 e Frigyes Karinthy, nos anos 20, trabalharam sobre conjecturas adiantadas por Marconi no seu discurso do Prémio Nobel em 1909.

Embora, no início dos anos 70, a teoria de Milgram tenha sido testada já com recurso a computadores, a posterior disponibilização na *internet* de bases de dados complexas, como

10 A 12 DEZEMBRO 2009  
CASA DAS ARTES  
ARQUITECTURA  
PARQUE DE SINÇÃES  
VILA NOVA DE FAMALICÃO

12º CONGRESSO  
DOS ARQUITECTOS  
ARQUITECTURA  
PARA TODOS



a que continha o elenco e equipa de todas as produções cinematográficas de Hollywood, permitiu popularizar a experiência com o *Six Degrees of Kevin Bacon*, que permitia verificar *online* quantos graus de separação existem entre o actor e outro elemento do elenco de qualquer filme.

Uma rede social é, por definição, uma estrutura social constituída por indivíduos que estão ligados por um ou mais tipos de interdependência, como a relação de amizade, o grau de parentesco, o credo religioso ou a profissão. Uma particularidade deste tipo de estruturas é a forma como os indivíduos podem adoptar uma linguagem própria ou uma forma específica de comunicar, em regra fechada.

A primeira rede social que se estabeleceu na rede foi a *classmates.com*, criada em 1994 por Randy Conrads. O *myspace*, criado pela *Microsoft* em 2003, ainda é o sitio mais visitado da *internet*. O *facebook*, criado em 2004 por Mark Zuckerberg, tem 300 milhões de utilizadores, 60% dos quais acedem ao *site* por aplicações móveis. O *Supreme Court of the Australian Capital Territories* utiliza o *facebook* para intimações e notificações judiciais.

A *internet* veio introduzir uma nova forma de comunicar. Os utilizadores podem partilhar, à distância e em tempo real, um grande volume de informação. Desenvolvem-se novas formas de organização: as redes sociais justapõe-se numa única estrutura global. Num instante, todos estamos afastados por apenas seis graus de separação.

O renascimento da mobilização social foi um dos efeitos secundários desta exposição à informação. Assumiu as mais diversas expressões e propósitos, que vão do activismo (abaixo-assinados *online*); à diversão (*flashmobs*); à consciência social (os apelos à doação de sangue ou medula ossea); e aos fins comerciais (os vãos *low-cost* a preços extraordinariamente baixos).

A participação pública tem como princípio o envolvimento no processo de decisão daqueles que são afectados pela sua implementação. Promove decisões mais sustentadas por reconhecer as necessidades e interesses de todos os envolvidos.

A participação pública assume já a forma de consulta pública e de discussão pública em alguns instrumentos governativos. O orçamento participativo é outra forma de participação, em que os cidadãos definem a dotação orçamental de um certo organismo. Pode também ser um instrumento na definição de políticas de desenvolvimento regional e planeamento urbano.

Sabendo à partida que a definição da forma de participação, a comunicação e o envolvimento dos cidadãos são tão importantes como o próprio processo de decisão, procuramos entender como as redes sociais e a mobilização social se podem assumir como instrumentos em processos de participação pública.

JOÃO COSTA RIBEIRO

## A INTERNACIONALIZAÇÃO DA ARQUITECTURA PORTUGUESA (1974-2009)

### Nota introdutória

*Inovação* e *internacionalização* são palavras do nosso dia-a-dia, que, se transportadas apressadamente para o contexto profissional, podem ocasionar interpretações redutoras.

A *internacionalização* da arquitectura portuguesa vem acontecendo há muito, e a *inovação* nesta área só poderá, a nosso ver, ocorrer identificando as especificidades do momento presente. Conhecer como funciona a *intermediação cultural* com vista a perspectivar o futuro num contexto global.

No âmbito do Programa Doutoral em Arquitectura da FAUP, vem-se desenvolvendo a investigação "A percepção internacional da Arquitectura Portuguesa 1974-2009" sobre o referido tema. A investigação tem como objectivo traçar a evolução da percepção internacional da Arquitectura Portuguesa; como objecto mapear e analisar as ocorrências relevantes realizadas no citado período em território estrangeiro; e, por inerência, estudar agentes e processos de divulgação envolvidos.

Nesta comunicação optámos por uma estrutura em duas partes: numa primeira, focaremos o papel da crítica na arquitectura, e numa segunda, o funcionamento dos críticos enquanto *intermediários culturais*.

### A - A crítica e a disciplina da arquitectura

Um entendimento sobre a crítica pode ser encontrado em Josep Maria Montaner no seu livro *Arquitectura e Crítica*<sup>1</sup>.

A crítica nasceu como um meio de emissão de uma opinião e mantém-se com esse carácter até aos dias de hoje<sup>2</sup>.

Como nos explica Maria Montaner, dada a sua natureza, tem ligações indeléveis à teoria e à história. Se por um lado a crítica necessita de uma base teórica que sustente as suas interpretações, por outro, a teoria necessita de se colocar à prova no exercício crítico. Reconhecendo-se hoje a história como uma construção de narrativas, esta assume um carácter contemporâneo que em favor da sua vitalidade, não pode alhear-se da sua ligação à crítica, à emissão de juízos.

É deste universo que podem surgir caminhos que abram espaço para a *inovação* nas obras de arquitectura, (retomando a palavra usada no início, agora com outro âmbito de aplicação). Apesar de reconhecermos que a obra tem um valor preponderante em relação à crítica, no entanto esta, para além do seu eventual valor intrínseco, pode também influenciar as futuras criações. Montaner define a missão da crítica

1 MONTANER, Josep Maria, *Arquitectura e crítica*, Barcelona: Editorial Gustavo Gili, S.A., 2007.

2 A crítica tem as suas origens no final do século XVIII, desenvolvendo-se ao longo do século XIX como consequência das batalhas que então se travaram, por exemplo: neoclassicismo versus barroco, romantismo versus positivismo, ou a defesa de cada um dos estilos dos muitos e vários que o eclectismo propiciara. Prolongou-se aquando da difusão do Movimento Moderno, e logo a seguir, no momento da crise da sua hegemonia serviu para desenhar reacções, resistências e evoluções até ao presente.

como a de construção de "pontes (...) entre o mundo das ideias e dos conceitos (...) e o mundo das formas, dos objectos, das criações artísticas, dos edifícios"<sup>3</sup>.

Pelo que se disse acima fica clara a pertinência da investigação que nos encontramos a desenvolver. Uma vez feita a cartografia do que vem sendo pensado sobre a Arquitectura Portuguesa, podemos conscientemente optar por elaborar novos caminhos ou continuar a desenvolver os já existentes.

## B - A arquitectura e a intermediação cultural

Complementarmente, ao estudarmos o percurso da divulgação da crítica, como nos propomos fazer, estaremos em melhores condições de delinear as estratégias de *internacionalização* da Arquitectura Portuguesa. Esta começa, nas palavras de Montaner, "como opinião pessoal de um especialista, tem como objectivo integrar a vontade colectiva, difundir-se por meio de publicações, suportes mediáticos, cursos e debates de cidadãos, para, finalmente, reverter-se à esfera subjectiva de cada indivíduo dentro da sociedade."<sup>4</sup> É sobre estes processos de transmissão, nada lineares com fenómenos de acção e retroacção que passaremos a tratar nesta comunicação.

É oportuno definirmos neste momento qual o posicionamento que informa o nosso enfoque teórico. Nós partilhamos a posição de autores como Scott Lash, John Urry<sup>5</sup>, e de Laura Bovone<sup>6</sup>, entre outros, que defendem que na sociedade actual, designada por eles como pós-moderna, podem ser encontrados espaços de liberdade de cada indivíduo, onde seja possível desenhar saídas alternativas à hegemonia da por muitos difamada globalização.

Porém, é neste contexto onde a mediação (e mediatização) se encontra disseminada em múltiplas outras entidades, que já não as antigas detentoras de poder de manipulação de massas, que é exigido um esforço maior a cada indivíduo para lidar com a informação. Estamos a falar de conceitos como *reflexividade* como forma de produção de sentido, nomeadamente da contínua elaboração da *identidade*, cuja crise constante é um sinal identitário da sociedade pós-moderna. Digamos que no âmbito da concepção estruturalista da sociedade, as estruturas deixaram de ser sociais e passaram a ser substituídas pelas da informação. Neste contexto, estas transformações têm repercussões quer ao nível do indivíduo como dos próprios meios de comunicação, tornando-se eles próprios reflexivos, construindo e reconstruindo a nossa cultura.

Neste enquadramento, foi deixado espaço

a profissões que assumem o carácter de *intermediários culturais*, como por exemplo jornalistas, produtores de televisão, operadores de turismo, galeristas, criadores de moda, entre outros, bem como os críticos de que falávamos no início. Estes movem-se com mais à vontade nas variadas e múltiplas conexões das redes de circulação de informação, ganhando assim uma crescente importância.

Centremo-nos agora na figura dos *intermediários culturais*, de acordo com a definição de Cláudia Madeira<sup>7</sup>, pensando nos críticos de arquitectura. Estes ao atribuírem mais ou menos espaço a cada arquitecto nas suas críticas, exposições e programações estão a contribuir para o maior ou menor desenvolvimento das suas carreiras, pois estas também dependem da visibilidade da sua produção. Os intermediários culturais têm uma função quase demiúrgica, "*criam o criador*."<sup>8</sup>

O seu papel não se esgota na simples mediação que começa na obra acabada e consiste em entregá-la ao público para consumo através de vários meios, pois ao fazer o enquadramento da produção intervém igualmente na formação do público, na criação de condições para a recepção das obras, o que constitui uma fase a montante da produção.

Por outro lado, cada *intermediário cultural* ao fazer as suas escolhas, num constante processo *reflexivo*, constrói a sua carreira, definindo a confiança que o público deposita nele como ponto de acesso ao sistema abstracto onde se movem os arquitectos. Cada *intermediário cultural* ao estabelecer o seu quadro de relações em conjunto com outros define o *panorama cultural*.

Esta alteração tem reflexo nas indústrias culturais que estão a perder o seu sector de produção, ganhando uma cada vez maior função financeira, parecendo-se cada vez mais com empresas de serviços, mais concretamente empresas de publicidade. Já não compram o disco ou o livro, mas sim a imagem do artista que lhes garantirá o sucesso da venda das obras que este vier a produzir. Daí que se concentrem na forma de *empacotar* o artista e vendê-lo como uma *marca*, da mesma forma que as empresas de publicidade vendem as *marcas* de outros. Daqui concluímos que o fenómeno do aparecimento dos arquitectos designados como *arquitectos do star system*, é parte de um fenómeno global, e tal como qualquer outro *produto*, são objecto dum processo de mercantilização da sua imagem como se de uma qualquer *marca* se tratasse.

### Nota conclusiva provisória

Para finalizar, parece-nos que sem compreender a importância da reflexão teórica, sem ter conhecimento dos conteúdos elaborados sobre a Arquitectura Portuguesa,

3 MONTANER, Josep Maria, *Arquitectura e crítica*, Barcelona: Editorial Gustavo Gili, S.A., 2007, p.32.

4 MONTANER, Josep Maria, *Op. Cit.*, p. 10.

5 LASH, Scott; URRY, John, *Economics of signs and space*. London: Sage Publications, New Delhi: Thousand Oaks, 1999.

6 BOVONE, Laura, "Os novos intermediários culturais,

considerações sobre a cultura pós-moderna" in Carlos Fortuna, *Cidade, Cultura e globalização*, Oeiras: Celta, 1997.

7 MADEIRA, Cláudia, *Novos notáveis - os programadores culturais*, IV Congresso Português de Sociologia (Actas), Coimbra, 14-19 de Abril de 2000.

8 MADEIRA, Cláudia, *Novos notáveis - os programadores culturais*, IV Congresso Português de Sociologia (Actas), Coimbra, 14-19 de Abril de 2000, p.1.

sem entender os seus processos de divulgação, e o conhecimento da evolução de cada um destes itens, é difícil mantermos-nos *auto-reflexivos* enquanto arquitectos, e mais difícil ainda continuar o processo da *internacionalização* da Arquitectura Portuguesa.

A investigação que nos encontramos a desenvolver no âmbito do Programa Doutoral em Arquitectura da FAUP fornecerá a base teórica que poderá interessar a outras entidades, nomeadamente à Ordem dos Arquitectos, para a delineação de estratégias de *internacionalização*, provavelmente mais matéricas, como a promoção de arquitectos Portugueses no estrangeiro com o objectivo de construção de obra.

#### BIBLIOGRAFIA

BOVONE, Laura, "Os novos intermediários culturais, considerações sobre a cultura pós-moderna" in Carlos Fortuna, *Cidade, Cultura e globalização*, Oeiras: Celta, 1997.  
LASH, Scott; URRY, John, *Economies of signs and space*. London: Sage Publications, New Delhi: Thousand Oaks, 1999.  
MADEIRA, Cláudia, *Novos notáveis - os programadores culturais*, IV Congresso Português de Sociologia (Actas), Coimbra, 14-19 de Abril de 2000.  
MONTANER, Josep Maria, *Arquitectura e critica*, Barcelona: Editorial Gustavo Gili, S.A., 2007.

CRISTINA SILVA E GONÇALO FURTADO  
Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

## 11H30

### GRANDE AUDITÓRIO SESSÃO SECTORIAL 01: ARQUITECTURA E AMBIENTE CONSTRUÍDO

# 01.02 COMBATE ÀS ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS E SUSTENTABILIDADE DE CIDADES E EDIFÍCIOS

**Moderador e Relator: Sílvia Pelham e Nadir Bonaccorso**

**Oradores Convidados: Ignasi Perez Arnal (ES), David Avelar (a confirmar)  
e João Paulo Lopes**

**Comunicação: Miguel Nery**

#### ORADOR CONVIDADO

### JOÃO PAULO LOPES

Nasceu em 1969. Licenciou-se em Arquitectura em 1997 na Universidade Lusíada. Obteve o *Master* em Meio Ambiente

e Arquitectura Bioclimática, em 2001, na Escola Técnica Superior de Arquitectura da Universidade Politécnica de Madrid. É membro do Grupo de Trabalho sobre Sustentabilidade e Alterações Climáticas da Ordem dos Arquitectos.